

A GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DAS INDÚSTRIAS DE PLÁSTICO NO SUL DE SANTA CATARINA

Paulo Henrique Schlickmann¹

RESUMO

O Sul de Santa Catarina é a 3ª região do Brasil que mais concentra indústrias de transformação de plástico. Sua gênese ocorre por volta de 1970 e está ligada ao acúmulo de capitais no interior da pequena produção mercantil. Em meados da década de 1990, apesar da crise imposta pelo modelo neoliberal de FHC, foi um período promissor para as empresas transformadoras da região, já que impulsionaram a produção de descartáveis (80% do produto consumido no Brasil) e embalagens flexíveis. Juntamente com as empresas líderes (Incoplast, Canguru e Copobras) emergiram 64 novas empresas de menor porte concorrendo intensivamente, entre si, na disputa de fatias do mercado consumidor nacional. Assim sendo, este artigo é dedicado em mostrar a gênese da indústria plástica na região, bem como demonstrar os movimentos estratégicos das empresas diante ao período desfavorável da economia nacional.

Palavras-chave: Geografia Econômica; Indústria; Inovação; Plástico

THE GENESIS AND DEVELOPMENT OF PLASTIC INDUSTRIES IN SOUTH OF SANTA CATARINA

ABSTRACT

The South of Santa Catarina is the 3rd region of Brazil that focuses more plastic processing industries. Its origin dates back to the '70s and is linked to the accumulation of capital within the small commodity production. In the mid-90s, despite the crisis imposed by the neoliberal model of FHC, was a prosperous period for manufacturing companies in the region, as it boosted production of disposable (80% of product consumed in Brazil) and flexible packaging. Along with business leaders (Incoplast, Kangaroo and Copobras) emerged 64 new smaller companies competing intensively among themselves in dispute slices national consumer market. Therefore, this article is dedicated to show the genesis of the plastic industry in the region, as well as demonstrate the strategic moves of the company before the unfavorable national economy.

Key words: Economic Geography; Industry; Innovation; Plastic

INTRODUÇÃO

O Sul do estado de Santa Catarina sempre foi reconhecido e definido no conjunto da literatura, como sendo uma região concentradora de atividades mineradoras (carvão) e ceramistas. Nas décadas de 1970 – 1980 ambos os ramos vivenciaram ciclos de prosperidade que possibilitaram uma espetacular estruturação de novas atividades econômicas (Termelétrica em Tubarão, Rodovias Estaduais e Federais, Revitalização do Porto de Imbituba, etc. Contudo, paralelamente a isso, no final dos anos de 1960 nascia a indústria de transformação termoplástica que entre 1970 e 1985, apresentou

¹ Professor da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina; E-mail: phschlickmann@gmail.com

crescimento de 500% no número de empresas e de 420% na tonelagem de plástico transformado.

O crescimento da produção e o surgimento de novas empresas tornaram-se uma constante, especialmente em meados dos anos 1990, quando o Grupo Incoplast (São Ludgero) e Canguru (Criciúma) conquistaram a liderança no mercado nacional na produção de descartáveis e embalagens flexíveis. Não obstante a isso, outras 64 empresas de pequeno e médio porte lutam por fatias do mercado nacional. A despeito do sucesso dessas empresas, seguem interpretações que a indústria do plástico tem por origem a diversificação de negócios oriundos do carvão ou cerâmico (SANTOS, 1997 e 2000). Observa-se também que para Goularti Filho (2007) tal gênese está ligada à expansão do polo petroquímico de Triunfo no Rio Grande do Sul (RS). Em que pese os esforços dos autores, Sclickmann (2012) demonstrou que: 1) a gênese da indústria do plástico no Sul de Santa Catarina ocorreu a partir da acumulação de riquezas na pequena produção mercantil; 2) foram as empresas transformadoras do plástico que impulsionaram a construção e fundação do polo petroquímico Triunfo no RS; e 3) as estratégias empresariais converteram o período de crise dos anos 1990 em uma fase favorável ao setor da transformação termoplástica

Portanto, este texto visa evidenciar a verdadeira origem da indústria do plástico; bem como apontar as principais estratégias empresarias que possibilitaram o surgimento do oligopólio de descartáveis e embalagens flexíveis no Sul de Santa Catarina durante o período de crise do governo FHC. Para atingir tais objetivos, lança-se mão do referencial teórico proposto por Mamigonian (1965) sobre a categoria de análise da pequena produção mercantil; além de Possas (1987) que trata da análise das estratégias dos oligopólios e empresas marginais frente à concorrência intercapitalista, e Rangel (2005) acerca da tese de ciclos médios e substituição de importações.

O texto divide-se em três partes: a primeira diz respeito à Gênese da Indústria Plástica, a segunda analisa a Expansão do Ramo Plástico no Sul de Santa Catarina na década de 1990, e a terceira salienta as Estratégias Empresarias adotadas pela vanguarda do setor. Os dados e levantamentos estatísticos, além das entrevistas e análises de relatórios, são partes componentes da dissertação de mestrado defendida pelo autor.

GÊNESE DA INDÚSTRIA PLÁSTICA NO SUL DE SANTA CATARINA E O ESTÍMULO A INSTALAÇÃO DO POLO PETROQUÍMICO DE TRIUNFO NO RIO GRANDE DO SUL

Cenários favoráveis, estruturados graças ao pulsante mercado consumidor urbano que, oriundos das transformações nos padrões de vida citadinos impostas aos brasileiros a partir dos anos 1960, que proporcionaram a Santa Catarina uma situação ímpar para sua indústria do plástico, o que conseqüentemente estimulou distintos potenciais concorrenciais². Destaca-se o caso de Joinville, aprofundado por Napoleão (2005), mas também no Sul do Estado na década de 70 o alvorecer concorrencial em torno dos descartáveis, das sacolas e sacos plásticos.

Dados de Boing (1995) mostram que, em 15 anos (1970-1985) a indústria de plásticos de Santa Catarina majorou sua produção em 814%, enquanto a média nacional no mesmo período foi de 694%. Ademais, o número de empresas cresceu na ordem de 500% ante a 189% a nível de Brasil. Tais números evidenciam surpreendente êxito por parte da então recém-nascida indústria do plástico.

Antes de adentrar especificamente no Sul de Santa Catarina, é inevitável destacar que é na região norte do Estado, sobretudo em Joinville, que se concentra o maior índice de produção, consumo e empregados do setor plástico no estado, e é considerado como o maior polo latino americano de transformação do PVC. (NAPOLEÃO, 2005). Empresas como a da Família Hansen (1940) “Tubos e Conexões Tigre” e de Albano Schimdt da Fundação Tupy (1938) figuram entre outras indústrias do norte de Santa Catarina, entre aquelas que participaram intensivamente, desde o início da construção do edifício industrial do plástico catarinense.

Já no sul do Estado, o setor plástico é muito bem representado pelas cidades de São Ludgero e Criciúma, cujas empresas possuem destaque internacional. O alvorecer de inúmeras empresas transformadoras de plástico na região deu-se no início da década de 1970, época em que no Brasil, crescia a demanda por sacolas nos supermercados, quando os sacos de alimentos de 60 kg comuns no campo, adequavam-se a embalagens menores de 1 a 10 kg, e as embalagens de papel e latas passaram a serem substituídas

² Vale destacar também a implantação dos PNDs, o milagre econômico, o BNDS, a implantação das refinarias de petroquímicos ligados a Petrobras, todas as medidas a nível nacional. Chama-se atenção para as medidas do estado de Santa Catarina, tais como as agências de fomento BDE (1962) passando a BESC (1969), bem como o FUNDESC, o PROCAPE, o PRODEC, além do BADESC. Chama-se atenção que o BDE formou a espinha dorsal do PLAMEG e PLAMEG II. Destaca-se que tais agências e planos tinham como seus principais objetivos fomentar e investir na indústria e agroindústria catarinense. Em relação a isso se consulta sobre tais agências e medidas do Estado (GOULARTI FILHO, 2007); seus reflexos na indústria de plástico do Estado (NAPOLEÃO, 2005); na agroindústria catarinense (ESPÍNDOLA, 1999; 2002).

pelas de plásticas. Em suma, notam-se alterações nos hábitos que impulsionam o consumo de alimentos básicos demandantes de embalagens funcionais, cuja produção ainda iniciava. Dentre as pioneiras, ocupam destaque na história da região: 1 - Plazom (1968) em Orleans que se origina a partir do grande grupo comercial Zomer, influentes nas transações comerciais no período colonial e também na política regional; 2 - Indústria Catarinense de Plástico (1962 - 1967) em São Ludgero, primitiva do grande grupo Copobras S/A (Incoplast, Copobras e Incomir), que na sua história se origina do interior da igreja católica pactuada com um agropecuarista e professor local investindo os primeiros capitais; e 3 - Canguru (1970) em Criciúma nascida a partir de um forte comerciante da região. Ressalta-se que todas essas iniciativas têm suas origens no movimento ocorrido no interior da pequena produção mercantil, cujos produtores independentes prosperam e enriquecem, gerando acumulação individual de riquezas (MAMIGONIAN, 1965). Tal acumulação possibilitou que algumas famílias transitassem da agricultura independente, intensiva em trabalho, para a burguesia dinâmica, visualizando o potencial do mercado local para progredir nos negócios.

Dessa maneira, conforme o quadro 1 abaixo, de acordo com Goullarti Filho (2007) em 1970, havia 23 trabalhadores espalhados em 3 indústrias de transformação de plásticos no Sul do Estado. Passado o primeiro movimento no interior da pequena produção mercantil, ocorre um segundo movimento denominado por “efeito bola de neve” (MAMIGONIAN, 1965), quando investidores em potencial se aplicam na cópia de sucessos pioneiros, ou seja, se na década de 70 havia três empresas, em 85 já constavam 15, sendo que o movimento de cópia e imitação das empresas de plástico, não cessa até os dias atuais (SCHLICKMANN, 2012), como pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1: N° de trabalhadores, prod. de descartáveis e n° de empresas; Sul de SC (1970 – 2000)

ANO	N° de Trabalhadores	Produção de descartáveis (em t.)	n° de empresas
1970	23	-	3
1975	220	1.740	5
1980	900	3.079	9
1985	1.400	4.202	15
1986	1.600	4.810	17
1988	1.800	6.113	20
1990	2.000	8.620	25
1992	2.500	12.071	35
1994	2.800	24.460	43
1996	3.600	32.691	47
1998	4.600	52.456	58
2000	4.700	55.000	60

Fonte: Goullarti Filho, 2007.

Destaca-se que, juntamente com a pequena produção mercantil dinâmica e o efeito bola de neve, a indústria de plástico do Sul catarinense teve sua gênese favorecida pelo momento positivo da indústria petroquímica nacional³, sobretudo com a intensificação da substituição de importações, aproveitando-se da reserva de mercado regional, que, como apresenta Rangel (1992, p.18) é “(...) berço de todas as novas indústrias substitutivas de importações”. Tal movimento de acumulação, através de iniciativas modestas, de acordo com Mamigonian (2011, p.83) nasce “(...) da pequena produção (...) nas áreas de colonização européia no Sul do Brasil (...) e emergiram desde o início concorrenciais e sem os privilégios dos mercados cativos e assim logo se sobressaíram”.

Assim sendo, modestamente e gradativamente, a produção do Sul de Santa Catarina ia edificando seu parque, encabeçado pelo caráter expansionista da Empresa Canguru de Criciúma, quando em 1972 passou a produzir além das típicas sacolas, também embalagens para produtos higiênicos, limpeza e outros, criando em 1974 a primeira indústria de descartáveis do sul do Brasil, no caso, a empresa Inza (Indústria Zanatta). Também o grupo Canguru foi pioneiro no lançamento de embalagens plásticas que substituíram as embalagens de papel, tipicamente de 10 – 15 kg, sobretudo para açúcar, arroz e farinha.

No Sul do Estado a década de 1975 - 1985 a produção de descartáveis obteve um salto de 141,5% em relação à tonelagem produzida, e o número de trabalhadores empenhados no setor, envolvendo desde descartáveis, embalagens e outros, tiveram um salto de 536,3%, conforme observado no quadro 1. No ano de 1982, em São Ludgero, percebendo o mercado pujante, o empresário local passou a focar o ramo de embalagens flexíveis, criando a empresa Incoplast, seguindo a tendência já apresentada pelo grupo Zanata no início da década de 70.

O progresso da indústria de plástico na região se aproveitou de maneira determinante dos serviços auxiliares e das infraestruturas erguidas pela cerâmica e o carvão. Vale destacar que foram se estruturando (1970 – 1985) em torno do carvão e da cerâmica as rodovias estaduais e federais, a ferrovia Tereza Cristina, o Porto de Imbituba, e uma gama considerável de serviços e comércio no Sul catarinense, além da termelétrica e das oficinas de trem em Tubarão. Contudo, de acordo com as investigações realizadas, não houve inversões de capitais consideráveis pelas empresas

³ Implementação dos PNDs I e II, milagre econômico brasileiro, urbanização do país, consumo elevado de produtos básicos, fortalecimento da Petrobras, etc.

cerâmicas e do carvão para o ramo plástico na região. (SCHLICKMANN, 2012). Diferentemente, portanto, do que afirmam Santos (1997; 2000) e Goularti Filho (2007) para os quais a diversificação daqueles setores, deu origem às indústrias de transformação do plástico na região.

Em que pese à importância das análises dos autores, aprecia-se errôneo tal posicionamento, pois o ramo plástico nasce da acumulação endógena de capital no interior da pequena produção mercantil, de modo independente aos demais setores, aproveitando-se, indiretamente das infraestruturas postas pelo desenvolvimento da época e não pela diversificação dos negócios carboníferos ou cerâmicos. Nesse sentido, praticamente inexisteram inversões de capitais cerâmicos ou carboníferos para o plástico.

Outro fato curioso destacado por Goularti Filho (2007), porém não compatível com a realidade, tratando-se de uma dedução forçosa, quando o autor expõe que a origem da indústria plástica em Criciúma e região, ocorre graças à expansão do polo petroquímico da grande Porto Alegre. Destaca-se que, de acordo com Carvalho Jr., Cário e Seabra (2007, p.124) “A decisão de implantar esse polo deveu-se ao elevado crescimento dos termoplásticos na década de 70, que chegou a 28% no período de 1970 – 1974 (...) e o polo petroquímico de Triunfo começou a operar em 1982 com o funcionamento da Copesul”. Nesse sentido, se a produção termoplástica no Sul de Santa Catarina teve sua fundação em 1962, foi expandindo em 1967 e, sobretudo, a partir de 1970, percebe-se que foram as empresas de transformações catarinenses que ajudaram a “batizar” e fomentar o polo petroquímico do Rio Grande do Sul, erguido somente a partir de 1982. Portanto, justamente ao contrário do que Goularti Filho (2007) expõe.

A EXPANSÃO DO RAMO PLÁSTICO NO SUL DE SANTA CATARINA: OS ANOS PÓS 1990

O problema da década de 90 foi intenso no Sul Catarinense, pois se haviam laços fortes que integravam a região à divisão nacional do trabalho, sobretudo, através da extração do carvão, estes foram rapidamente dissolvidos. Os municípios de Tubarão, Criciúma, Lauro Müller e Imbituba, sensivelmente foram àqueles mais afetados pela dissolução do complexo carbonífero. Todavia, nas bordas do complexo, inúmeras iniciativas iam se estabelecendo, bem como uma gama de pequenos produtores e empresários independentes promoviam seus negócios na busca de alternativas para o

estabelecimento de “novas combinações” (CHOLLEY, 1964) potencialmente capazes de engendrar períodos favoráveis para a economia local e regional.

As indústrias Canguru e Inza, na década de 90, assumiram uma postura intensiva e agressiva rumo ao mercado da região Sul brasileira (Chapecó e Pelotas – RS), tal movimento provocou a reação da Plazom e Incoplast, que definitivamente se determinaram no objetivo de concorrer no interior do mercado nacional. Inicialmente a estratégia da Incoplast, foi em 1991, criar a indústria de descartáveis Copobras. Invertendo seus próprios capitais, seguindo os movimentos de empresas mais antigas da região como a Inza (1982); Minasplast (1983) e Coposul (1989) que já vinham se destacando na produção de copos descartáveis.

Isto posto, as três maiores indústrias da transformação do plástico no Sul BARRIGA Verde promoveram uma intensa guerra para estabelecerem-se como líderes nacionais na oferta de embalagens flexíveis e descartáveis (copos, pratos e talheres), ou seja, adotaram um processo intensivo de especialização, especialmente, através da importação de tecnologia. Para se ter uma noção, segundo Carneiro (2002) enquanto o coeficiente de penetração de tecnologia no setor plástico girava em torno de 1,2% no início de 90, com a intensificação da abertura comercial, tal número saltou para 6,8% em 1998. Em outras palavras, a produção de descartáveis na região saltou de modestas 8,5 toneladas em 1990, para 52,4 toneladas em 1998.

De acordo com Gastaldon (2000), somente em quatro anos, entre 1995 e 1999, surgiram na região Sul de Santa Catarina, 29 indústrias transformadoras de plástico. Desse modo, percebe-se que além das grandes líderes no ramo Canguru e Incoplast / Copobras, outras indústrias de menor porte se estabeleceram “atuando de maneira marginal frente às líderes” (POSSAS, 1985), proporcionando um intenso e seletivo processo concorrencial, capaz de gerar novas especializações, novos produtos e, além disso, o que pode ser mais importante, a abertura de novos nichos de mercado.

Tabela 1: N° de Indústrias da 3° geração petroquímica no Sul de Santa Catarina (2002)

CIDADES	Número de indústrias				
	Micro	Pequena	Média	Grande	Total
Criciúma	12	5	1	1	19
Içara	3	1	2	0	6
Orleans	8	4	4	0	16
São Ludgero	8	3	2	1	14
Siderópolis	1	2	0	0	3
Urussanga	2	4	2	0	8
Total	34	19	11	2	66

Fonte: Rais / Scheffer, 2004.

Conforme a tabela 1 com dados de 2002 percebe-se que a grande maioria das indústrias são aquelas de micro e pequeno porte, nascidas nos fins da década de 1990, acompanhando o movimento de expansão da demanda por produtos plásticos básicos, ou seja, consumo intensivo de produtos baratos com baixo valor agregado.

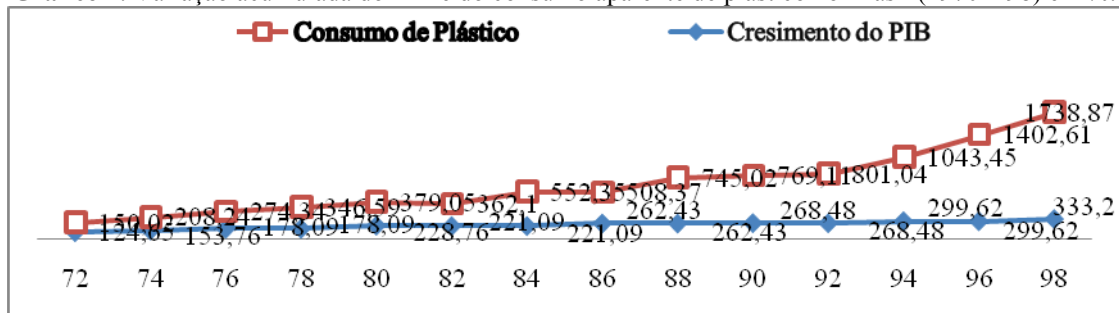
Observa-se que supostamente foi o movimento de intensificação da produção, estimulada devido à crescente demanda no mercado nacional, que promoveu a indústria de descartáveis e de embalagens. Os anos 90 foram favoráveis às indústrias de transformação de resinas plásticas, com mercado em expansão e cambio favorável para a importação barata de máquinas e matéria prima (resinas), incentivando o processo de modernização das maquinarias, ferramentas, software e das demais instalações industriais. O preço desse movimento favorável aos transformadores, em curto prazo ocasionado pelas importações, foi pago pela ruptura dos elos verticais e horizontais da Cadeia Produtiva Petroquímica Plástica (CPPP) nacional, resultando em um acentuado processo de reestruturação no conjunto petroquímico, ampliando as falências, fusões e aquisições, sobretudo, nos elos intensivos em capitais da CPPP brasileira.

O movimento de expansão do mercado consumidor se deu relativamente em vários setores da economia nacional, puxado pelo que Baumann (apud. Espíndola, 2002) chamou de “efeito riqueza”, ou seja, quando o plano real estabilizou os preços e reduziu a inflação que girava em torno de 45% ao mês, para 1% a 2% ao mês, isso afetou tanto produtores como os consumidores em geral. Portanto o ramo de plásticos descartáveis e embalagens no Brasil, em plena crise nacional, devido ao programa de privatização, a abertura comercial e o Plano Real, passou por um período de crescimento do consumo interno, sendo “o mesmo efeito sentido na época pela carne de frango” (ESPÍNDOLA, 2002).

Salienta-se que, o plástico, por ser de um bem de consumo e preços populares e, considerando ainda o novo padrão de consumo urbano do Brasil, é no mínimo simplista sustentar àquela visão que tenta alinhar as privatizações, a abertura comercial e o plano real, com o aumento do consumo do plástico. Em muitos casos, a debandada para os plásticos, principalmente no que tange algumas empresas de alimento, se deu justamente por alterações no processo, visando à redução de custos, o que se traduz por reestruturação. Cabe o exemplo concreto das empresas de refrigerantes, que saíram do vidro para o plástico; ou mesmo molhos e conservas que partiram das latas para o plástico; justamente no intuito de reduzirem os custos, para sobreviverem à selva neoliberal.

Tendo em vista o fato do crescimento do consumo do plástico estar alinhado diretamente aos novos padrões de vida e a crise da reestruturação, apresenta-se o Gráfico 1, com o demonstrativo do consumo de plástico no país progredindo intensivamente, comparando ao crescimento do PIB, cujas altas foram modestas no período.

Gráfico 1: Variação acumulada do PIB e do consumo aparente de plástico no Brasil (1970 – 98) em %.

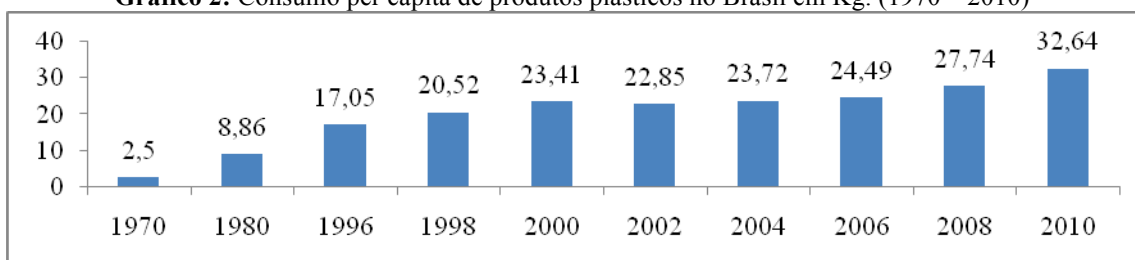


Fonte: Gastaldon, 2000.

Conforme podemos constatar através do gráfico, enquanto o PIB nacional apresenta pequeno progresso, o consumo nacional de produtos plásticos alça altos padrões. No entanto, tal desempenho fica diminuído se compararmos com o consumo de países desenvolvidos. Enquanto o Brasil consome 32,6 kg de plástico por habitante ano em 2010 (Gráfico 2 a baixo), na Bélgica chega a 152 kg, Alemanha a 116 kg e EUA a 112 kg (SACHLICKMANN, 2012).

Destarte, nota-se uma disparidade de consumo gigantesca entre o Brasil e os países centrais, o que claramente nos mostra o potencial de capacidade de expansão do mercado interno, coisa que gradativamente vem sendo aproveitado. Por outro lado, numa visão simples e analisando em longo prazo, dos anos 1970 até 2010 o consumo de produtos plásticos no Brasil cresceu 1304%. Portanto trata-se da intensificação da demanda nacional por tais produtos, puxados pelos descartáveis, embalagens, automóveis, construção civil, objetos medicinais, e atualmente, não é pecado dizer, pela indústria bélica.

Gráfico 2: Consumo per capita de produtos plásticos no Brasil em Kg. (1970 – 2010)



Fonte: Gastaldon (2000), até 1988; Abiplast (2010) 2000 a 2010; Elaboração do autor.

A utilização cada vez maior do plástico por praticamente todos os setores industriais está relacionada à sua maleabilidade, seu peso reduzido, sua resistência, tudo isso, sem contar os custos de produção que refletem diretamente em seu preço reduzido, tornando altamente competitivo em relação a outros materiais como madeira, vidro, metal, etc. Apesar disso, o aumento do consumo do plástico, e conseqüentemente, sua entrada como substituto de outros materiais estão diretamente relacionados à condição de vida da população, sua elasticidade renda, o poder de compra e seus hábitos. Demonstra-se isso como gráfico 2, pois se há 30 anos houve constante crescimento, nota-se estabilização do consumo nos anos 2000 / 2004, para serem retomados em 2008 / 2010.

Percebe-se que com a movimentação na base da pirâmide social, com a geração de emprego e ascensão econômica sentida no 2º mandato do presidente Lula, houve um reflexo no consumo do plástico no país, novos hábitos impulsionaram o setor dos animais de estimação (Sacos para ração); estimulou a pesquisa em novas aplicações em plásticos “finos” em setores arrojados como automóveis, aviões, maquinaria industrial e medicina. Outro ramo que vem estimulando o crescimento do consumo são as empresas recicladoras, que “explodiram” nos últimos 5 anos.

De qualquer maneira, a demanda tende a estabilizar-se na medida em que as empresas investem pouco em P&D e no lançamento de novos produtos. Por isso chama-se atenção para as renovações nas linhas de produtos das empresas de São Ludgero, tais como, linhas de copos personalizados, miniaturas de embalagens para ração (100 gramas – 1kg), embalagens invioláveis com códigos de barras rastreáveis, personalização individual de embalagens, canudinhos ensacados, mini colheres para café, e o aperfeiçoamento dos descartáveis das linhas domésticas (louças, facas, garfos e taças). Portanto, o estímulo ao consumo pode partir das condições de renda da população, dependendo dos estímulos reservados à indústria de transformação.

ESTRATÉGIAS DE EXPANSÃO, MÚLTIPLAS FILIAIS E A CONSOLIDAÇÃO NO MERCADO NACIONAL

Com o desenrolar dos anos 90, ao visualizarem o crescente mercado, sobretudo no Brasil central, e no interior agroindustrial nacional, os empresários do ramo plástico do Sul catarinense adotaram um movimento estratégico empresarial de descentralização da produção, ou seja, tanto a Canguru, como a Incoplast, transferiram unidades

produtivas para fora de Santa Catarina. Nota-se de acordo com Santos (2000), que se tratou de estratégia para adentrar em mercados inexplorados até então.

Esse projeto, efetivamente foi posto em prática em 1995 quando a Incoplast transferiu sua primeira filial para Marialva – PR, justificado por Marcelo Schlickmann, então representante da empresa, como estratégia para “invadir” o mercado pujante em embalagens. Com tal estratégia, segundo Marcelo, estariam entrando no mercado do Oeste de Santa Catarina, Norte do Paraná e Mato Grosso do Sul através do fornecimento de embalagens para os frigoríficos de carne; na área dos cereais, também no Paraná; e com embalagens para açúcar estariam envolvendo-se com o mercado do interior paulista e Mato Grosso (SANTOS, 2000).

Nesse ínterim, vale chamar atenção para a parceria Sadia – Incoplast, cuja meta principal era a de fornecer embalagens nacionais, em substituição às importadas. Tal processo consistia na produção de um kit de embalagens para o acondicionamento de cortes de frango congelado. Com a parceria, a partir de 1998, a Incoplast assimilou a produção de 3 novos produtos que compunha uma única embalagem: 1 - bandejas de poliestireno expandido (EPS) da controlada Copobras II (São Ludgero); 2 - filme multicamada e shirink de polietileno estendido para envoltório; 3 - um tipo mono à base de mistura rica de polietileno linear (PEBD). No entanto, o sistema dependia da importação via Du Pont UL ou Cryovac, de um filme poliolefinico, o que tornava a embalagem excessivamente cara. Nesse processo a Incoplast passou a agregar valor na bandeja EPS e desenvolveu o filme Coex, em substituição daquele importado, passando então a fornecer a embalagem completa para a Sadia, expandindo o fornecimento para outros frigoríficos (Perdigão, Aurora, Br Foods). Essa inovação garantiu a entrada da Incoplast no setor exigente e qualificado dos supermercados (PLASTICO EM REVISTA, 1999b); (SEQUIM / EQ / UFRJ, 2003).

Além daquela, em 1999 o grupo abriu uma filial da Copobras em Carmópolis – MG, nesse caso, a ideia foi criar mecanismos com foco na redução de custos no transporte e ampliação do braço logístico da empresa, possibilitando assim um ingresso competitivo no mercado nordestino a partir de MG, aproveitando-se do fato de que, naquela época, Minas Gerais já era o maior mercado consumidor da Copobras.

“(…) nos copos descartáveis toda matéria prima nossa vem de São Paulo, o maior mercado hoje da Copobras é Minas Gerais, então como a gente quer eliminar o custo de transporte com a matéria prima vinda para o Sul e retornando em forma de produto para os grandes centros, nós montamos uma empresa em Minas Gerais onde vamos atender praticamente os três maiores consumidores que é São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e juntamente

com o Nordeste, que há três, quatro anos atrás nossas empresas não forneciam (SANTOS, 2000, p.72)”.

Seguindo o movimento de expansão em 1999, o grupo Incoplast, abriu uma nova filial em São Ludgero, que seria responsável pela produção de embalagens com lacres invioláveis, trata-se da empresa Incomir. A Incomir é fruto da aquisição da empresa paulista MIR, única detentora até então no país da tecnologia dos lacres invioláveis. Nesse sentido, a Incoplast avançou no ramo e trouxe toda a planta de São Paulo para São Ludgero - SC. Portanto a Incomir especializou-se na produção de malotes para transporte de valor, dinheiro, embalagens de segurança para concursos e, sobretudo produzindo embalagens invioláveis para a ECT- Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Prosegur, Brinks, etc. Portanto foi a terceira empresa do grupo criada em São Ludgero na década de 90.

Um ano antes, em 1998, o grupo Zanatta se estabeleceu em Três Corações - MG, com a empresa Inza de descartáveis, num nítido movimento de demarcação do seu mercado e uma maneira de acompanhar a tendência “anunciada” pela Incoplast de distribuição da produção, desse modo, vale à pena destacar as palavras de Sérgio Bistrót, diretor do Grupo Zanatta a Santos (2000).

Com o aumento do consumo lá em cima, ou tu te torna muito competitivo para chegar lá com preço, ou tu vai ser obrigado a chegar perto dos teus clientes, pois nos descartáveis não existe muita diferença nos produtos, são “**todos iguais**”. Então tu vai ter que ser competitivo no teu preço. O mercado quando vê que fulano foi para lá, fica todo mundo imaginando que alguma coisa boa tem, então ele vai também porque se eu não for, o outro vai ficar sozinho, isso é normal acontecer. (SANTOS, 2000, p.72).

É importante destacar outra estratégia que favoreceu as empresas do Grupo Zanatta, que foi à constituição em 1997 da *join venture* ITW (norte americana) – Canguru, que consistia na produção de rótulos em Criciúma, para Coca Cola, Jhonson e Jhonson, Nestlè, Ambev (NAPOLEÃO, 2005). Com a parceria em 1998, 29,76% do total de emprego, 36,05% da receita bruta e 54,93% do valor adicionado pelas indústrias de plásticos do Sul do Estado eram oriundos da Canguru, Canguru – ITW, e Inza, ou seja, do Grupo Zanatta (GASTALDON, 2000).

Com esse processo de expansão e inversão de capitais pelas grandes indústrias de plásticos do Sul de Santa Catarina, abate-se um intenso processo concorrencial, quando ambos os Grupos Incoplast (Copobras S/A) X Canguru (Zanatta) disputam ramo a ramo, produtos a produtos, a liderança nacional na produção de embalagens e copos descartáveis. Esse processo concorrencial forçou as empresas a se especializarem em

ramos que anteriormente não acenavam, que foi o caso das embalagens frigoríficas e filmes pela Incoplast e o caso dos rótulos pela Canguru – ITW. Trata-se das trajetórias empresariais que normalmente são definidas por estratégias impulsionadas pela concorrência, através das motivações do mercado.

Assim o processo de disseminação de indústrias plásticas do Sul catarinense permaneceu após os anos 2000, porém aparentemente abateu-se um cansaço sob a empresa Canguru, que cessou tal prática, sobretudo, dando sinais de enfraquecimento com a dissolução da *join venture* com a ITW em meados dos anos 2000. Por outro lado, o grupo Incoplast permaneceu num intensivo processo de distribuição de unidades produtivas, abraçando estrategicamente a distribuição da produção por todo o Brasil, de Norte a Sul; de Leste a Oeste como pode ser observado no quadro 2.

Quadro 2: Empresas líderes da 3ª geração do plástico do Sul de SC no Brasil (1995 – 2010).

Empresa	Cidade de instalação	Produto especializado	Ano / fundação
Incoplast	Marialva - PR	Embalagens / Frigoríficos	1995
ITW - Canguru	Criciúma - SC	Rótulos – Embalagens	1997
Inza Descartáveis	T. Corações - MG	Copos descartáveis	1998
Copobras II	São Ludgero - SC	Bandejas / Frigoríficas	1998
Copobras III	Carmópolis - MG	Copos descartáveis	1999
Incomir	São Ludgero - SC	Embalagens invioláveis	1999
Cop. / incoplast	João Pessoa - PB	Descartáveis e embalagens	2002 - 2008
Copobras	Manaus - AM	Descartáveis	2005

Fonte: Site das empresas, 2012. Elaboração do autor

Nos dias atuais, as empresas do Grupo Copobras S/A, incluindo a Incoplast, possuem plantas espalhadas estrategicamente de acordo com a pujança do mercado em cada região consumidora do país. Chama-se ainda atenção para a capacidade produtiva instalada nas plantas industriais do grupo e o número de funcionários em cada uma delas, apresentados na tabela 3.

Tabela 2: Localização Empresarial: Nº de Funcionário / Produção Mensal (2012)

Localização	Nº de Funcionários	Produção Ton. / Mês
Copobras – SC	600	1.100
Copobras – MG	700	1.450
Copobras – PB	300	550
Copobras – AM	200	250
Incoplast – SC	550	800
Incoplast – PR	350	900
Incoplast – PB	200	350
Total:	2.900	5.400

Fonte: Entrevista na Empresa

Além do processo que levou as grandes indústrias de descartáveis e embalagens catarinenses para outros Estados brasileiros. Os anos entre 1998 – 2004 foram marcados por linhas de investimentos do Programa de Desenvolvimento da Empresa Catarinense (PRODEC), conforme se observa no quadro 3, oriundos do governo do estado, que destinou investimentos para a indústria de transformação do plástico. Destaca-se que a Copobras se favoreceu do PRODEC para criar nova filial em São Ludgero, a Copobras II, em 1998, gerando novos 270 empregos, com tal investimento, a empresa passou a se dedicar na produção de bandejas de poliestireno, serviram para a Incoplast abastecer canal demandante de embalagens aberto pela Sadia.

Quadro 6: Investimentos do PRODEC, Gov. de Santa Catarina – 1998 / 2004

ATIVIDADE	NOME	MUNICÍPIO	EMPREGOS A SEREM GERADOS	MONTANTE DO FINANCIAMENTO (R\$)
APL – Da transformação do plástico – Região de Criciúma	Copobras	São Ludgero	270	11.475.000,00
	Thermovac	Urussanga	30	5.632.740,00
	Diplastic	Criciúma	45	1.401.850,00
	Cristal	Morro da Fumaça	58	2.756.410,00
	Canguru	Criciúma	62	18.518.925,00
	Chromo	Criciúma	72	1.819.690,67
	Zumplast	Tubarão	40	7.482.870,00
Total			577	49.087.485,67

Fonte: Secretaria de Planejamento do Estado de Santa Catarina / PRODEC.

Autoria: Scheffer, 2004. Adaptada pelo autor , 2012

Toda a década de 90 foi de expansão para a indústria de 3ª geração petroquímica no Sul do Estado, e desse modo, a participação do Estado catarinense foi única, frente a um período que o país não contava com políticas de desenvolvimento industrial. No caso da Copobras, em 1998, a instalação da nova fábrica financiada pelo PRODEC, representou a diversificação do seu mix de produtos, transitando entre os copos descartáveis, bandejinhas e pratos, até bandejas de carnes congeladas, frios em geral e lanches rápidos. O mesmo ocorreu com a Incoplast e a Canguru, que das sacolas e sacos para pães, investiram em filmes multicamadas, sacarias para rações, saches para alimentos em conservas, etc. Está dada, portanto, a “produção em escala e escopo” (Chandler, 1998), pois...

(...) obtêm-se economia de escala quando o maior volume de um só produto ou serviço num só complexo de instalações reduz o custo unitário da produção e distribuição. (...) Obtêm-se economias de produção ou distribuição conjunta quando se utiliza um só complexo de instalação para produzir mais de um produto ou serviço. Para referir-se às economias de produção conjunta ou distribuição conjunta, utilizando uma expressão que é vez mais difundida: economias de escopo. (Chandler, 1998, p.308)

Dessa maneira, as estratégias adotadas a partir da década de 90 pelas empresas sul catarinenses, corrobora com as três estratégias seguidas pelas empresas brasileiras naquele período, segundo Castro (apud. Espíndola, 2002, p.78) “1- busca de rebaixamento dos custos, via dispensa de mão de obra; introdução e adoção de novos métodos organizacionais e gerenciais; (...) 2 – ampliação e/ou realocação de capacidade produtiva e 3 – redefinições patrimoniais / empresariais, que vão desde novos sócios, ao estabelecimento de parcerias e até mesmo fusões ou transferência de controle”.

Desse modo, enquanto as indústrias nacionais de bens de capital, as petroquímicas de 1ª e 2ª geração e demais ramos encolhiam, aquelas de embalagens e descartáveis arrojadamente imprimiam novas estratégias para se aproximarem do mercado consumidor, favorecendo-se do câmbio supervalorizado, dos juros altos e das políticas de importações a partir de 1990. Vale destacar que “decisões que são boas para empresas individuais podem não ser boas para a economia nacional como um todo” (Chang, 2013, p.179). Nesse caso, foi positivo para o ramo intensivo em trabalho de produtos baratos, porém negativo para a cadeia produtiva agregada intensiva em tecnologia e capital, representando prejuízo à nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num panorama geral, pode-se salientar que os pontos cruciais deste texto apontam que a literatura vigente até então sobre a indústria de transformação termoplástica na região Sul de Santa Catarina, esteve equivocada quanto análise da sua gênese. Primeiramente porque ela não nasce da diversificação das empresas ligadas ao carvão, tão pouco integradas às cerâmicas. O que se percebe é que foram utilizados os portes infraestruturais erguidos por elas, porém diretamente não houve aporte de capitais. Ou seja, na análise histórica, as primeiras fábricas de produtos plásticos estiveram ligadas à pequena produção mercantil, seja através da acumulação via agropecuária ou ligação com os comerciantes vendedores das colônias. Outro aspecto

refutado por esta análise é a de que o polo petroquímico Triunfo na Grande Porto Alegre, ao expandir seu raio de atuação, fez gerar as indústrias de transformação do plástico no Sul de Santa Catarina. Trata-se de uma assertiva errada proposta por Goularti Filho (2007), pois foram as empresas transformadoras, fundadas a partir de 1962 – 1967 que, demandando matéria prima estimularam a fundação em 1982, do Polo Triunfo no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, foi o ciclo virtuoso da transformação que estimulou as empresas intensivas em capitais, ou melhor, o efeito multiplicador partiu da montante para a jusante e não o contrário, como muitos analistas das cadeias produtivas querem aduzir. Outro ponto importante que se pôde observar no texto, foi que a década de 1990, assimilada como de crise nacional, representou para os transformadores do plástico do Sul do Estado de Santa Catarina um período virtuoso. Tratou-se de sucesso para o ramo a custa de caras medidas de reestruturação, constando ações que vão desde transferências de plantas, realocação geográfica da produção, fusão e aquisição, consolidações de *join ventures*, substituição de importações autônomas, inovação em processo e produto, modernização do parque fabril, redução de custos, etc. Em tais ações, percebeu-se que foram realizadas através, sobretudo, da facilidade de importações. Nesse sentido, representou a virtude do ramo da transformação, em detrimento da desagregação relativa da cadeia produtiva como um todo. Conclui-se, portanto, que a economia nacional foi posta em cheque, em detrimento de alguns setores isolados.

REFERÊNCIAS

- BOING, J. **Indústria de Produtos de Matérias Plásticas de Santa Catarina**. Florianópolis, BRDE, 1995.
- CARNEIRO, R. **Desenvolvimento e Crise: a economia brasileira no ultimo quartel do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CARVALHO JR.; CARIO, S. A. F.; e SEABRA, F. **Pólos Industriais do Sul do Brasil: Experiências de Competitividade e Empreendedorismo**. Parte II, FAPEU/DATASUL. Florianópolis: S/N, 2007.
- CHANDLER, Jr. **Scale and Scope**. Cambridge, Mass.: Havard University Press, 1990.
- CHANG, H. J. **23 Coisas que Não Nos Contaram Sobre o Capitalismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.
- CHOLLEY, A. **Observação Sobre Alguns Pontos de Vista Geográfico**. Boletim Geográfico, Rio de Janeiro: CNG, mar./abr., 1964.

ESPÍNDOLA, C. J. **As Agroindústrias no Brasil: O caso Sadia**. Chapecó, Grifos, 1999.

_____. **As Agroindústrias de Carne do Sul do Brasil**. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 2002.

GASTALDON, M. C. **O Segmento Plástico no Sul de Santa Catarina: Uma abordagem sobre a situação recente à luz da problemática dos clusters e distritos industriais**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, PPE/CSE/UFSC, 2000.

GOULARTI FILHO, A. **Formação Econômica de Santa Catarina**. 2. Ed, Florianópolis: Editora UFSC, 2007.

MAMIGONIAN, A. **Estudo geográfico das indústrias de Blumenau**. In: Revista Brasileira de Geografia. v.27, n.3, p.387-481. Rio de Janeiro, jul./set., 1965.

_____. A Indústria de Santa Catarina: Dinamismo e Estrangulamento. In: Mamigonian. Armen (org.) **Santa Catarina: Estudo de Geografia Econômica e Social**. Série de Livros Geográfico, Florianópolis: n.4, GCN/CFH/UFSC, 2011.

NAPOLEÃO, F. **Origem, Desenvolvimento e Crise da Indústria Joinvillense de Materiais de Construção em PVC: 1941 – 2002**. Tese de Doutorado, Florianópolis, CFH/PPGEO/UFSC, 2005.

ONUDI. Programa Brasileiro de Prospectiva Tecnológica Industrial. Prospectiva Tecnológica na Cadeia Produtiva dos Transformados Plásticos. Rio de Janeiro: SIQUIM/EQ/UFRJ, 2003.

PLÁSTICOS EM REVISTA. A Transparência nas Regras. **Plásticos em Revista**, maio/1999b.

POSSAS, M. L. **Estrutura de Mercado em Oligopólio**. São Paulo: Hucitec, 1985.

RANGEL. I. **Do Ponto de Vista Nacional**. São Paulo: Bienal – BNDES, 1992.

_____. **Obras Reunidas. v.1 e 2**. Rio de Janeiro: Contraponto / BNDES, 2005.

SANTOS, M. A. **Crescimento e Crise na Região Sul de Santa Catarina**. Florianópolis, UDESC, 1997.

_____. A Indústria de Descartáveis Plásticos do Sul de Santa Catarina. In: SANTOS, Maurício Aurélio dos (org.) **Ensaio Sobre Santa Catarina**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2000.

SCHEFFER, J. R. **Arranjo Produtivo de Materiais Plásticos na Região Sul de Santa Catarina: Um estudo sobre a capacitação tecnológica das micro e pequenas empresas**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, PPE/CSE/UFSC, 2004.

SCHLICKMANN, P. H. **Estudo Geográfico das Indústrias de Plástico de São Ludgero – SC**. Dissertação de Mestrado, PPGG/CFH/UFSC, 2012.